



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O bloco do Noel

O bloco *Amor em Rosa* estreia no carnaval brasiliense, na segunda-feira, em frente ao Shopping Boulevard, no Conic, cantando exclusivamente os sambas de Noel Rosa. Aproveitei o gancho para fazer uma entrevista mediúnica exclusiva com o genial sambista de Vila Isabel, autor de *Conversa de botequim*, *Silêncio de um minuto*, *Fita amarela*, entre outros. Fala, filósofo de botequim!

Todos sabem que você nasceu de parto de fórceps e ficou com o queixo afundado.

Que influência isso teve em sua vida?

Noel: Eu nascendo pobre e feio, ia ser triste o meu fim, mas, crescendo a bossa veio, Deus teve pena de mim.

O que é o samba?

Noel: Samba é chorar de alegria, é sorrir de nostalgia, dentro da melodia. O samba, na realidade, não vem do morro nem lá da cidade. E quem suportar uma paixão saberá que o samba então nasce no coração.

Como vê o culto da malandragem no Rio de Janeiro e no Brasil?

Noel: Malandro é palavra derrotista, que só serve para tirar todo o valor do sambista. Proponho ao povo civilizado

não chamar de malandro e sim de rapaz folgado.

O que acha dessa mania de falar tudo em inglês: meu brother, tirar um print, ser light ou hard?

Noel: Amor lá no morro é amor pra chuchu, as rimas do samba não têm I love you. E este negócio de hello boy, hello Jones, só pode ser conversa de telefone. Tudo aquilo que o malandro pronuncia, com voz macia, é brasileiro, já passou de português. Não tem tradução.

Deixemos de frescura e falemos de coisa séria. O que acha dos planos econômicos do governo?

Noel: Neste Brasil tão grande não se deve ser mesquinho. Quem ganha na

avareza sempre perde no carinho. Não admito ninharia, pois qualquer economia sempre acaba em porcaria.

Mas, algumas vezes, não é preciso impor sacrifícios para que as coisas melhorem?

Noel: O amor vem por princípio, a ordem por base, o progresso é que deve vir por fim.

O que acha da negociadora do FMI no Brasil, Ana Maria Juh?

Noel: A Juju sabe somar, sabe até multiplicar, mas na divisão se enrasca. Pois partiu o queijo ao meio, quis me dar somente a casca.

O que pensa de quem se acha?

Quem acha vive se perdendo.

Como gostaria de ser tratado quando morresse?

Noel: Quando eu morrer não quero choro e nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela. Se existe alma, se há outra encarnação, eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão. Luto preto é vaidade, nesse funeral do amor. O meu luto é saudade e saudade não tem cor.

Valeu, grande Noel. Poderia fazer uma saudação final para os leitores do Correio?

Noel: Saudações ao seu vizinho, abraços no cachorrinho, um chute na almofada, porque já se acabou o meu carinho.

DENGUE / Centros de reciclagem e ferros-velhos têm protocolos para evitar a proliferação do Aedes aegypti. Empresas também atuam na retirada de descartes das ruas, como pneus, latas e carcaças, auxiliando no combate à doença

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Empresas especializadas na reciclagem de resíduos, como a Eco Ambiental, na 26 de Setembro, estão na linha de frente para a eliminação de focos da doença, que contaminou ao menos 46 mil brasilienses neste ano

Preocupação com novos focos

» FERNANDA CAVALCANTE*

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Para evitar a proliferação de focos do *Aedes aegypti*, empresas do setor evitam deixar o material exposto e aceleram o processo de reutilização

Materiais como ferro e plástico não se decompõem com facilidade. Em geral, o metal demora aproximadamente 100 anos para se degradar. O plástico leva ainda mais tempo, entre 450 e 500 anos. Lugares como os ferros-velhos e depósitos de reciclagem, desempenham a função de evitar a degradação, poluição e danos causados ao solo, plantas e animais ao seu redor. No entanto, toda sucata, carros batidos e peças usadas, que se forem descartados de forma inadequada, servem de foco para o *Aedes Aegypti*, mosquito causador da dengue que registrou mais de 46 mil casos, desde o começo do ano no Distrito Federal.

João Batista, 54 anos, é dono do ferro-velho Eco Ambiental, que funciona desde 2021 reutilizando as peças para a criação de painéis de soleiras, portas e bases para caixa d'água. "As pesquisas apontam que o Brasil só recicla 4% das toneladas de resíduos gerados. Todo o resto vai parar em aterros controlados, lixões a céu aberto ou nas ruas e praças do país. A gente tenta aproveitar o máximo antes de chegar nesse cenário", conta João.

Os pneus, motores e latas de tinta vazias são mantidos em local coberto. Os demais ficam virados com a boca para baixo. Ele conta que o objetivo é que um dia o estabelecimento se torne um galpão totalmente coberto, mas ainda não é possível

por falta de recursos. "A estimativa é que (a cobertura) custe R\$ 400 mil. É muito dinheiro para a gente no momento". Há ainda 600 quilos de latinhas cobertas por sacos e recolhidos toda semana. "A gente faz o que pode, já que não dá pra esperar muito do governo", completa.

A caminho do ferro-velho Eco Ambiental, na avenida 26 de Setembro de Taguatinga, não é asfaltada e o chão de terra esburacado retém água parada de chuva. A presença de garrafas, copos e outros lixos, jogados na via, são possíveis pontos de concentração da dengue.

José Ribeiro Dias, 51, gerente operacional da Capital Recicláveis, trabalha na empresa desde a fundação, em 2004. O projeto nasceu da ideia de antigos funcionários da Novo Rio — que na época tinha fechado — de dar continuidade ao pensamento de cunho social e ambiental. "Nosso objetivo é diminuir a poluição nas ruas e nas águas. São mais de 30 mil pessoas que dependem dessas peças.", declara. Hoje, a empresa é considerada o maior centro de reciclagem do Centro-Oeste e o segundo maior do país.

O gerente explica que o estabelecimento possui um programa

interno de combate à dengue, oferecido pelo próprio Sistema de Gestão Ambiental (SGA), com autorização da diretoria, que disponibiliza repelentes para mosquitos, além de dedetização geral. Durante a visita, Alexia Souza, 28, analista ambiental mostra placas instaladas por ela para conscientização dos funcionários. Ao lado também há avisos de prevenção contra a covid-19. "A gente realiza projetos de conscientização há muito tempo. Nos adaptamos às causas que vão surgindo. O difícil é ter que convencer pessoas adultas do que elas já sabem que têm que fazer."

Busca

A recomendação de Marcelo Pedra, psicólogo sanitário da Fiocruz Brasília, é de que os donos desses estabelecimentos façam uma busca ativa de materiais que possam se tornar criadouros do mosquito. Outra estratégia é a solicitação do apoio da Vigilância Epidemiológica, através de visitas técnicas, para orientar sobre potenciais locais de água parada ou colocar larvicida.

No caso daqueles que guardam materiais recicláveis em casa, Ronei Alves, 49, antigo catador

de materiais recicláveis e atual coordenador do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), diz que o ideal é que comercializem o material o mais rápido possível para não acumular.

A Secretaria de Proteção da Ordem Urbanística do Distrito Federal (DF Legal) informou ao *Correio* que sempre fiscaliza ferros-velhos e depósitos de recicláveis, por meio da Subsecretaria de Fiscalização de Resíduos Sólidos (Sufir), que verifica se o acondicionamento dos materiais está correto. Desde 23 de janeiro, uma ação foi intensificada, quando a força-tarefa foi instituída, 21 recicladores/ferros-velhos foram notificados, houve a lavratura de duas multas e foram realizadas duas ações de retirada desses materiais da área pública.

De acordo com o Departamento de Trânsito (Detran-DF), atualmente, são 12 empresas credenciadas para a atividade de desmontagem de veículos automotores. Não sendo responsabilidade do órgão o cadastro de ferros-velhos.

O Sistema de Limpeza Urbana do Distrito Federal (SLU) informou que mantém 14 áreas destinadas ao recebimento e à triagem de resíduos recicláveis. Todas as atividades destes locais fazem parte de contratos da autarquia. Vale ressaltar que, no DF, também há outros depósitos particulares de recicláveis, dos quais o SLU não faz a contagem.

*Estagiária sob a supervisão de Suzano Almeida

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 9 de fevereiro de 2024

» Campo da Esperança

Alice Corrêa, 10 anos
Ana Eleuza de Siqueria, 76 anos
Bráulio Silva Santos, 90 anos
Giovanna Almeida Fernandes, menos de 1 ano
Jaider Rodrigues Campos, 80 anos
João Luiz Cristalino Pereira, 76 anos
João Pereira dos Santos, 93 anos
Lázara Nilma Modesto, 95 anos
Maria Raimunda de Jesus Souza Macedo, 91 anos
Terezinha Lima da Silva, 87 anos

Terezinha Manoel Joaquim, 77anos

» Taguatinga

Adauto Barbosa do Nascimento, 87 anos
Airtton Alves da Silva, 49 anos
Alberto Magalhães Teixeira Neto, 26 anos
Antônio Alves da Silva, 51 anos
Arcina Muniz dos Santos, 80 anos
Aurenita Rosa de Souza e Silva, 71 anos
Dermary Martins de Almeida, 63 anos

Enoque Rodrigues Bezerra, 79 anos
Geraldo de Oliveira Lima, 63 anos
Geraldo Gomes da Costa, 88 anos
Guiomar Maria de Jesus Franca, 83 anos
Jucenide Oliveira Soares, 40 anos
Kaue Freitas de Sales, 16 anos
Maria Cecília de Sousa Alves, menos de 1 ano
Maria Conceição de Souza, 76 anos
Maria Eduarda Moreira Sá, 19 anos

Miguel Miranda Aires, menos de 1 ano
Jéssica Carvalho Guimarães, menos de 1 ano
Neuma de Oliveira Silva, 47 anos

» Gama

Bernardo Arcanjo Sousa, menos de 1 ano
Celso Resende, 65 anos
Josafá Barros da Silva, 52 anos
Manoel Vicente da Silva, 84 anos
Mauro César Oliveira Sousa, 54 anos

Melyna Sther Alves Corrêa, menos de 1 ano
Raimundo Soares Dantas, 73 anos
Ronaldo José Tobias, 56 anos

» Planaltina

Sebastião Alves da Costa, 88 anos
Tiago Gonçalves Parreira, 72 anos

» Brazlândia

Arnaldo da Silva, 80 anos
José Pereira dos Reis Filho, 65 anos

» Sobradinho

Antônio Carlos Oliveira, 56 anos
Pedro Bernardes de Oliveira, 72 anos
Sebastião Antônio de Oliveira, 87 anos

» Jardim Metropolitano

Daienne Oliveira Goes, 36 anos
Luiz Gonzaga Cordeiro Bulky, 68 anos (Cremação)
Raimunda Bento de Sousa, 81 anos
Vanda Nélida Bejaran Etchechurry, 70 anos (Cremação)